

Confira nossas dicas para assistir na Mostra de SP

PÁGINAS 4 E 5



Triple bill de ballet até domingo no Theatro Municipal

PÁGINA 3



Délia Fischer lança álbum com versões em inglês

PÁGINA 6



2º CADERNO

Um musical soberano

Pela primeira um espetáculo teatral se propõe a contar a trajetória de Tom Jobim, o gigante da música popular brasileira

Nunca houve e provavelmente nunca haverá um compositor como Antônio Carlos Brasileiro Jobim, o nosso Maestro Soberano. Amado por sua música, inteligência e humor, Tom Jobim mostrou ao mundo o melhor do Brasil. Sua trajetória única, da bucólica Ipanema dos anos 1950 aos maiores palcos do mundo é contada em “Tom Jobim Musical”, uma montagem emocionante que retrata a vida e o legado do criador da Bossa Nova que estreia nesta quinta-feira (17) no Teatro Casa Grande.

A superprodução tem dramaturgia de Nelson Motta e Pedro Brício, direção de João Fonseca, direção musical de Thiago Gimenes e conta com 27 atores e 15 músicos em cena. Assinam a produção geral do espetáculo os produtores Luiz Oscar Niemeyer, Júlio Figueiredo e Bárbara Guerra.

Quando se ouve uma batida de Bossa Nova, em qualquer lugar do mundo imediatamente se imagina o Brasil, suas belezas naturais, seu povo alegre e criativo. Foi a Bossa Nova de Tom, Vinicius de Moraes e João Gilberto que popularizou nossa musicalidade e levou nossa cultura para todos os cantos do mundo.

O musical leva os espectadores a uma jornada cativante através das melodias atemporais e das letras poéticas que definiram uma era. Da criação da icônica “Garota de Ipanema” aos sucessos internacionais

como “Desafinado” e “Wave”, cada nota ressoa com a paixão e a genialidade de Jobim.

O autor afirma que Tom Jobim associou sua música maravilhosa para sempre como um símbolo do Brasil, de nossa riqueza e diversidade, de nossa natureza e nosso povo. “Estilo, inspiração, e muito trabalho duro, o levaram ao panteão dos grandes mestres da canção popular do século XX ao lado de Cole Porter, Gershwin, Irving Berlin, Duke Ellington, Rogers e Hart, Dylan, Stevie Wonder, Lennon e McCartney, Richards e Jagger”, enumera.

“Tom Jobim mudou o rumo e ritmo da música do mundo, tornou-a mais leve, solar e melodiosa”, continua Nelson, destacando que “Garota de Ipanema” e “Águas de Março” estão entre os maiores hits mundiais de todos os tempos, gravadas pelos maiores intérpretes do nosso tempo. **Continua na página seguinte**



Elton Towersey dá vida a Tom Jobim no palco

CORREIO CULTURAL

Fotos Vantoen Pereira Jr/Divulgação



Pitanga dirige e integra o elenco de 'Malês'

Vem aí o 17º Encontro de Cinema Negro Zózimo Bubul

Começa nesta sexta-feira (18) a 17ª edição do Encontro de Cinema Negro Zózimo Bubul. Entre os destaques, uma masterclass com o imortal e filósofo indígena Ailton Krenak e o curso Cinema Africano Contemporâneo com o cineasta Joel Zito Araújo. Na programação serão exibidas 128 obras de cineastas brasileiros, africanos, caribe-

nhos e de outras diásporas em locais como o Cine Odeon, Museu do Amanhã e Museu de Arte do Rio (MAR). O ator e diretor baiano Antônio Pitanga é o homenageado desta edição, com a exibição do seu filme "Malês" no domingo. A programação completa está no instagram @centroafrocariocadecinema

Roxy Dinner Show

Após longa reforma, o Roxy - lendário cinema de rua de Copacabana - passa a se chamar Roxy Dinner Show, um espaço de entretenimento que une arte e gastronomia. O espetáculo "Aquele Abraço" promove uma viagem sensorial por nossa cultura.

Escolha de Sly

Em entrevista ao programa "Friday Night With Jonathan Ross", Sylvester Stallone foi desafiado a avaliar os filmes da saga "Rocky" e dizer qual deles mais gostava e foi categórico ao cravar "Rocky - O Lutador", o primeiro de todos, como o seu favorito.

Voltou atrás

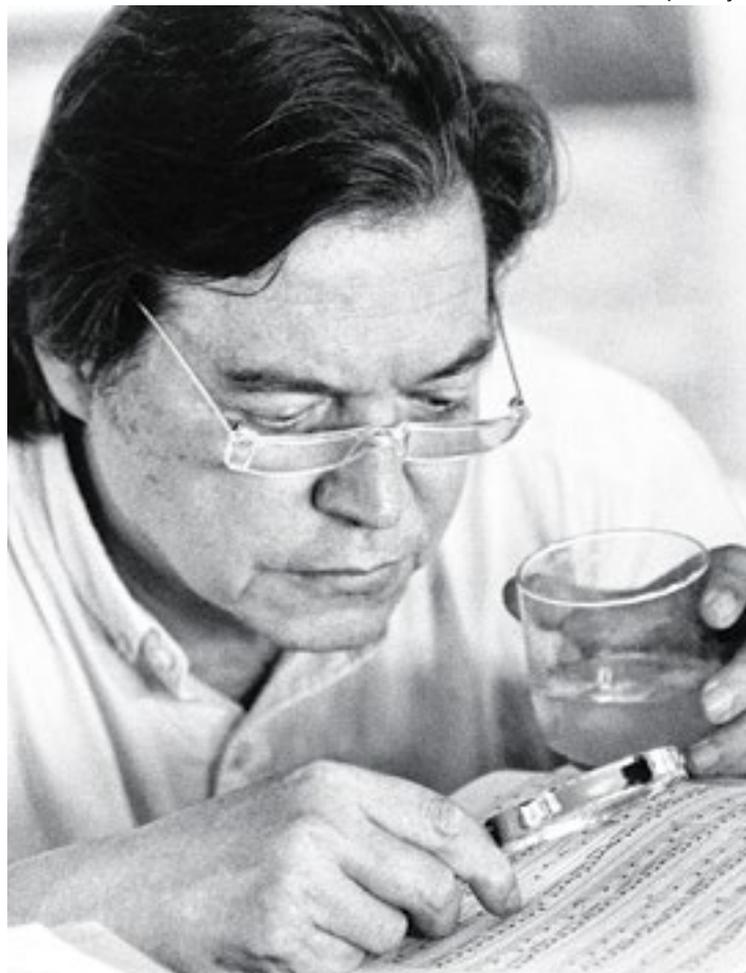
Jerry Seinfeld se arrepende de comentários feios numa entrevista em abri. Ao podcast "Breaking Bread", o comediante se retratou. "Eu disse que a extrema esquerda estava suprimindo a arte da comédia. Isso não é verdade", disse.

Voltou atrás II

Na ocasião, Seinfeld afirmou que não há mais tantas comédias realmente engraçadas na TV pelo medo de ofender outras pessoas e que os comediantes estavam sendo policiados pelos defensores do politicamente correto.

Influência marcante sobre toda a MPB

Reprodução



A obra atemporal de Tom Jobim, o nosso Maestro Soberano, é celebrada com pompa em musical escrito por Nelson Motta e Pedro Brício

"Descendente musical de Dorival Caymmi e Ary Barroso com Debussy, Ravel e Cole Porter, não há um só entre os gigantes da música brasileira, Chico, Caetano, Gil, Milton, Edu Lobo, Paulinho da Viola, João Bosco, que não tenha bebido em sua generosa fonte. A parte mais difícil de transformar sua vida e obra em um musical de teatro é a qualidade de suas músicas, como escolher apenas

30? O certo é que nenhum musical da Broadway teve, tem ou terá um score musical á altura do maestro soberano Tom Jobim", comenta Nelson, jornalista, crítico musical e compositor.

Apesar de sua genialidade, o maestro tem sua primeira biografia musical. E coube a um craque do gênero assumir esse desafio. João Fonseca é responsável por grandes musicais brasileiros de artistas de sucesso como Tim Maia, Cazuza e Cássia Eller.

"Uma peça sobre Tom só

pode ser uma celebração sobre a música, o amor, a natureza e sobre o Brasil!! Narrado pelo grande parceiro e amigo Vinicius de Moraes, a música de Tom é a protagonista do espetáculo, mas o homem bonito e charmoso também está lá, aquele que era popular e erudito, maestro e boêmio, carioca e universal! Essa mistura única também será a marca desse musical original sobre este brasileiro muitas vezes apontado como um dos melhores compositores de música popular do mundo", diz o diretor.

A direção musical e a responsabilidade de trazer esse repertório para o contexto teatral ficará com Thiago Gimenes, compositor, maestro, grande admirador de Tom e veterano em assinar grandes espetáculos de teatro musical.

"Antônio Carlos Jobim, ao lado de Vinicius de Moraes e João Gilberto foi o responsável pela Bossa Nova desde a sua definição e início de movimento, até sua propagação e consagração em todo mundo pela qualidade, complexidade e genialidade na composição", afirma Gimenes. "Tom tem sua música definida como minimalista justamente por ser um mestre em saber respeitar e valorizar tanto o som, quanto a pausa, colocando a composição e seus arranjos como protagonista numa geração onde o lugar pertencia apenas aos cantores e suas vozes. Celebrar Tom Jobim é celebrar a valorização da música Brasileira em todo o mundo! Continua sendo referência e mestre pra todas as gerações", completa.

SERVIÇO

TOM JOBIM MUSICAL
Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Leblon)
De 17/10 a 15/12 e de 2/1 a 23/2, quintas e sextas (20h), sábados e domingos (15h e 19h)
Ingressos: Plateia VIP e camarote - R\$ 320 e R\$ 160 (meia) | Plateia Setor I - R\$ 280 e R\$ 140 (meia) | Balcão - R\$ 42 e R\$ 21 (meia)

Ballet e Orquestra do Theatro Municipal apresentam espetáculo que reúne as obras ‘Sheherazade’, ‘Love Fear Loss’ e ‘Bolero’



Filipe Aguiar/Divulgação TMRJ

Sheherazade

Uma noite, três coreografias

Filipe Aguiar/Divulgação TMRJ



Love Lear Loss

Em inglês, triple bill é uma expressão que significa “três coisas juntas”. No contexto de apresentações artísticas, um triple bill é um programa que reúne três obras numa mesma noite. O Ballet e a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal apresentam nesta quinta, sexta, sábado e domingo (17 a 20) um espetáculo neste formato sob a regência do maestro titular da

OSTM, Felipe Prazeres.

Ricardo Amarante assina as três coreografias: “Sheherazade”, com música de Nicolai Rimsky-Korsakov e que faz sua estreia no Municipal; “Love Fear Loss”, com arranjo para piano de Nataliya Chepureniko, executado por Murilo Emerenciano; e “Bolero, de Maurice Ravel. A supervisão artística é de Hélio Bejani e Jorge Texeira.

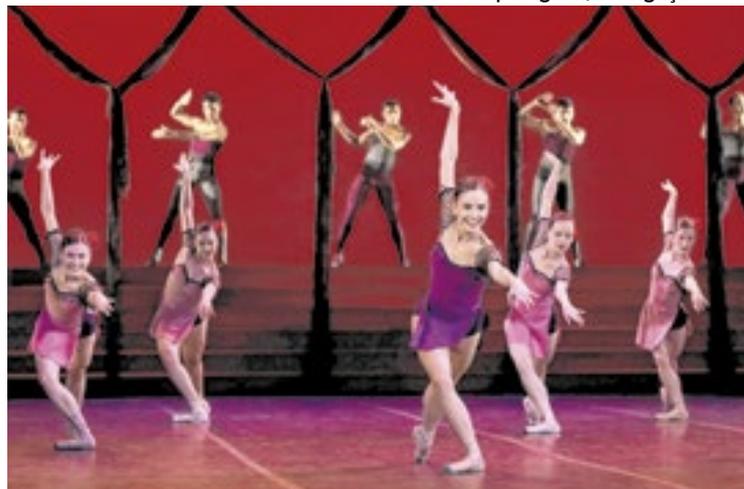
Diretor do Ballet do Municí-

pal, Bejani destaca a importância de levar os bailarinos a outros desafios. “Sempre bastante importante a realização de novos trabalhos com estilos diferenciados que conduzam nossos bailarinos para fora de sua zona de conforto, o ballet clássico, possibilitando o exercício de suas versatilidades técnicas e artísticas”, defende.

“Na temporada passada, senti uma profunda identificação com os

bailarinos e a direção, reconhecendo aqui uma companhia de altíssimo nível, comparável às melhores do mundo com as quais já trabalhei. Este ano, tenho a felicidade de apresentar uma noite completa com esses três ballets. São obras distintas, mas igualmente poderosas em emoção, poesia e virtuosidade, mostrando a excelência desta companhia”, comenta Ricardo Amarante que, atualmente, é diretor de

Filipe Aguiar/Divulgação TMRJ



Bolero

ensaio, coreógrafo e professor do Ballet Nacional Sodre, do Uruguai.

“Este ano faremos um triple bill especial com o nosso querido Ballet, iniciando com uma das obras orquestrais mais emblemáticas do repertório Sinfônico, ‘Sheherazade’, de Korsakov, obra-prima da arte da orquestração, criando essa mistura única com a dança. O já conhecido ‘Love Fear Loss’, com toda sua poesia enigmática trazendo o piano solo de Murilo Emerenciano e finalizando com o arrebatador ‘Bolero de Ravel’, explica o maestro Felipe Prazeres.

A história de “Sheherazade” se passa no harém do sultão da antiga Pérsia, que dentre todas as suas concubinas, tem a sua esposa favorita, Scheherazade, uma mulher bela e grande contadora de histórias. Ela é apaixonada por um prisioneiro e pede a Samir (supervisor do harém), que também é louco por ela, para libertá-lo, enquanto o sultão está fora. Quando se encontram, iniciam uma celebração luxuosa e uma orgia no harém, junto com as outras concubinas e prisioneiros.

Inspirada na comovente vida pessoal da cantora francesa Edith Piaf e sua música, “Love Fear Loss” revela a história de amor da falecida cantora por meio de seus trabalhos clássicos.

Joseph Maurice Ravel foi um compositor e pianista francês, conhecido sobretudo pela sutileza das suas melodias instrumentais e orquestrais, entre elas, o “Bolero”, que considerava trivial e descreveu como “uma peça para orquestra sem música”.

SERVIÇO

TRIPLE BILL - SHEHERAZADE, LOVE FEAR LOSS E BOLERO

Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº – Cinelândia) 17, 18 e 19/10, às 20h e 20 (17h) Ingressos: Frisas e Camarotes – R\$ 90 (individual) e R\$ 45 (meia, individual) | Plateia e Balcão Nobre – R\$ 80 e R\$ 40 (meia) | Balcão Superior e Lateral – R\$ 50 e R\$ 25) | Galeria Central e Lateral – R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Fotos/Divulgação

*Barba Ensopada de Sangue**Abri**Os Vislumbres**The Surfer*

Com 417 títulos em sua programação, a Mostra de São Paulo engata a marcha de 48ª edição numa aposta em vozes autorais de todos os cantos do planeta, repleta de longas nacionais

*Madeleine em Paris**Reas*

PAULICEIA desvairadamente CINÉFILA

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã



Depois de exibir “Maria Callas”, com Angelina Jolie, na Sala São Paulo, na quarta-feira (16) em sessão para convidados, a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo abre nesta quinta sua Caixa de Pandora de autoridades audiovisuais oferecendo à sua fidelíssima plateia 417 títulos, vindos dos mais variados cantos do mundo. O fetiche nº 1 de sua grade deste ano é “Anora”, que rendeu a Palma de Ouro a Sean Baker, em Cannes. Tem sessão dessa espécie de Cinderella às avessas neste sábado, às 21h10, no Reserva Cultural. É a história de uma profissional do sexo que, ao se casar com um jovem milionário russo doidão, acredita ter tirado o pé da jaca e iniciado uma vida de princesa. Mas... toda rosa tem espinhos. Já nesta sexta-feira, a Mostra vai apresentar ao público de SP o tão esperado “Ainda Estou Aqui”, que pode levar Walter Salles e Fernanda Torres ao Oscar, depois de ter conquistado a láurea de Melhor Roteiro em Veneza. Tem sessão dessa adaptação da literatura de Marcelo Rubens Paiva, às 17h10, no Espaço Augusta. A mesma sala volta a acolher o longa no sábado, às 21h10. Fernanda vive a advogada e ativista Eunice Paiva, que dedica décadas de sua vida a buscar o paradeiro do marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (Selton Mello, em colossal atuação), desaparecido após ser levado por agentes militares na ditadura. Confira a seguir o que há de mais imperdível no evento.

*Malês*

Vantoen Pereira Jr/Divulgação

ABRIL (“April”), de Dea Kulumbegashvili (Geórgia): Retorno da cineasta de “Beginning” (2020) às telas, quatro anos depois do longa que a consagrou. Sua protagonista é uma obstetra, Nina, que trabalha numa maternidade no leste georgiano. Após um parto difícil, a criança morre, e o pai exige uma investigação sobre os métodos da médica. O escrutínio resultante ameaça trazer à tona a atividade paralela de Nina — dirigir pelo interior até as casas de meninas e mulheres grávidas para realizar abortos não autorizados. Onde: Reserva Cultural, no dia 21, 13h



Ainda estou aqui

REAS, de Lola Arias (Argentina): Experimento híbrido de documentário e encenação feito pela diretora de “Teatro de Guerra” (2018). Sua narrativa registra a vida carcerária de Yoseli, detida no aeroporto por tráfico de drogas. Na cadeia, conhece Nacho, um homem trans que está ali por estelionato e que montou uma banda de rock dentro da prisão. Em busca de paz, Yoseli se junta às outras detentas para cantar, dançar e reencontrar a vida no cárcere. Onde: Cinesystem Frei Caneca, domingo, 22h10



A Prisioneira de Bordeaux



Demba

MALÊS, de Antonio Pitanga (Brasil): Um dos atores essenciais do Cinema Novo volta à direção filmando um enredo de Manuela Dias, que recria a Bahia do século XIX, em meados de 1830. Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos muçulmanos, chamados de malês. A revolta se passa no final do Ramadã, mês do calendário islâmico em que o jejum é uma forma de celebrar Alá. Após o fracasso da revolta, os manifestantes foram duramente punidos e a repressão contra as populações pretas no Brasil aumentou. D'Estaque para Rodrigo Odé no elenco. Onde: Reserva Cultural 1, dia 28, 21h40



Uma Terra Deixada Para Trás

DEMBA, de Mamdou Dia (Senegal): Apesar do clima spectral dessa narrativa, a suavidade reina sobre um painel de afetos familiares mesclado a sombras políticas de chagas coloniais. Na trama, com elementos fantasmagóricos, Demba (Ben Mahmoud Mbow) está às vias de se aposentar e busca mudar sua rotina, a fim de cicatrizar a dor da morte da mulher com que viveu por anos a fio. Mas a necessidade de reinventar sua relação com seu filho vai trazer fantasmas à tona. Onde: Cinesystem Frei Caneca, sexta, 13h

A PRISIONEIRA DE BORDEAUX (“La Prisonnière De Bordeaux”), de Patricia Mazuy (França): Ensaio sobre alteridade no bastidor do universo carcerário. Duas mulheres de classes sociais diferentes, Mina (Hafsia Herzi) e Alma (Isabelle Huppert), formam uma aliança conforme visitam seus companheiros na prisão. Onde: Cinesesc, dia 22, 17h

BARBA ENSOPADA DE SANGUE, de Aly Muritiba (Brasil): Gabriel (Gabriel Leone) parte para a praia da Armação, após a morte de seu pai, em busca de suas origens. O que ele acaba encontrando é uma trama complexa em torno da figura misteriosa do avô numa comunidade que tenta esconder acontecimentos do passado. Onde: Cinesesc, dia 24, 20h20



Pequenas Coisas Como Estas

OS VISLUMBRES (“Los Destellos”), de Pilar Palomero (Espanha): A atuação devastadora de Patricia López Arnaiz foi coroada com o prêmio de melhor interpretação no Festival de San Sebastián, onde o longa esteve na disputa oficial da Concha de Ouro. Sua trama se passa num ambiente rural onde a vida de Isabel (papel de Arnaiz) toma um rumo inesperado no dia em que sua filha Madalen pede para que ela faça visitas regulares a seu ex-marido, o escritor Ramón (Antonio de la Torre, esplendoroso), que padece com uma doença terminal. Os dois viveram um bom casamento, mas isso foi há 15 anos. No reencontro, fantasmas do passado hão de rondar esse ex-casal. Onde: Cinesystem Frei Caneca 2, no dia 20, às 17h

PEQUENAS COISAS COMO ESTAS (“Small Things Like These”), de Tim Mielants (Irlanda): Atração de abertura da Berlinale, onde ganhou o prêmio Melhor Coadjuvante, dado a Emily Watson, pelo papel de uma tenebrosa freira. Seu protagonista, Cillian Murphy, brilha no papel de Bill Furlong, chefe de um empreposto de carvão que se dá conta de segredos de sua comunidade, envolvendo uma atitude dominadora da Igreja envolvendo adolescentes grávidas. Onde: Kinoplex Itaim 1, hoje, às 20h50

MADELEINE EM PARIS, de Liliâne Mutti (Brasil): Como um brasileiro queer, andrógino, filho de santo no candomblé, imigrante de Santo Amaro da Purificação na Europa reúne, há 23 anos, mais de 60 mil pessoas dançando aos sons dos atabaques pelas ruas parisienses? Esse ritual, a Lavagem da Madeleine, que lava as escadarias da igreja francesa, é entrelaçado à vida do seu criador, o dançarino do cabaré Paradis Latin, Robertinho Chaves. Em busca da própria identidade na diáspora afro-brasileira de Paris, ele atravessar a fronteira do masculino e do feminino, entre o sagrado e o profano. Onde: Espaço Augusta 2, hoje, às 19h30

THE SURFER, de Lorcan Finnegan (Austrália/ Irlanda): Um Nicolas Cage possuído se empenha neste thriller enervante. É a saga de um homem fracassado em vários aspectos de sua vida, que sonha surfar na Austrália de sua infância. Mas um grupo de valentões vai impedi-lo. Onde: Cinemateca Espaço Petrobrás, dia 20, 22h

UMA TERRA DEIXADA PARA TRÁS (“Nei Sha”), de Yang Yishu (China): Conhecida pelos longas “Who Is Haoran” (2006) e “One Summer” (2014), a realizadora do tocante “Lush Reeds” (2018) regressa às telas com um drama filmado numa pequena ilha formada pelo acúmulo de areias flutuantes do rio Yangtze, onde seu protagonista, Tang administra uma fazenda orgânica. Todos esses anos de trabalho, no entanto, fizeram com que ele lidasse frequentemente com dificuldades e fracassos. Paralelamente uma sofrida mãe, que vive reclusa nas montanhas, sai do isolamento para passar alguns dias com a filha, Xiao Yu, que trabalha nessa mesma propriedade. Juntas, essas pessoas vão viver uma ciranda afetiva. Onde: Instituto Moreira Salles, dia 26, 21h

Navegando por outras linguagens

Nando Chagas/Divulgação

Délia Fischer lança nesta quinta no Manouche o álbum 'Beyond Bossa' com versões em inglês para sua produção autoral



Delia trabalhou as novas versões em parceria com o jornalista estadunidense Allen Morrison

Pianista, compositora, cantora e diretora musical, Délia Fischer acaba de lançar o álbum “Delia Fischer Beyond Bossa” com suas canções cantadas em inglês. E ela mostra esse repertório autoral com show no Manouche nesta quinta-feira (17) com participações de Leila Maria, Nando Chagas e o grupo vocal Bruta Flor.

Neste projeto, Delia Fischer – duas vezes indicada ao Grammy Latino e com diversos álbuns lançados – comemora seus 40 anos de carreira e 60 anos de vida dando nova cor à sua trajetória musical expandindo sua música para outras fronteiras, mostrando as diversas formas da música brasileira e a compreensão das letras antes só ouvidas em português pelo público estrangeiro.

Este seu primeiro álbum internacional foi lançado pelo selo Origin Records (Seattle, EUA), com as primeiras gravações de seu repertório autoral – assinadas com parceiros como Camila Costa, Carlos Careqa e Claudio Botelho, por exemplo – em que canta as canções com letras em inglês em

versões recriadas pelo compositor, pianista e jornalista americano Allen Morrison e reunindo vários intérpretes brasileiros e internacionais de diferentes gêneros. “O álbum está cheio de alegria e ritmos do Brasil numa aventura comovente e iluminada, que vai além da bossa”, explica a artista.

Foi depois de uma empolgada crítica de cinco estrelas de Morrison para o álbum “Tempo Mínimo” (2019), publicada na revista de jazz DownBeat, que Morrison que se iniciou a colaboração entre os dois e que tornou este álbum possível. “Quando escutei ‘Samba Sem Verão’ achei lindo, parecia uma música desconhecida do Tom Jobim. Perguntei se alguém havia feito uma versão em inglês e Delia me convidou para escrevê-la. Ela gostou do resultado e passamos a trabalhar em outras canções”, recorda o jornalista.

Morrison e Delia trabalharam juntos para criar versões em

inglês que honravam o espírito das letras originais enquanto contavam histórias envolventes em um vernáculo mais americano. Ao mesmo tempo, Delia re-trabalhou as bases instrumentais e gravou com inspirados artistas convidados para enriquecer 6 das 12 faixas do álbum - incluindo a cantora de jazz estadunidense Gretchen Parlato (“My Time”), a cantora brasileira baseada nos EUA Luciana Souza (“Almost Paradise”), o mestre da bossa nova e do groove Marcos Valle (“Workaholic”), o guitarrista Chico Pinheiro e o instrumentista carioca Pretinho da Serrinha (ambos em “The Acupuncture Song”), o cantor Matias Correa (“Song of Self Affirmation”), o cantor e parceiro Marcio Nucci e o violoncelista americano Eugene Friesen (“What Good is Summer”), o grupo vocal New York Voices (“Lemon Jugglers of Rio”) e o cantor de soul italiano

Mario Biondi (“Marketplace”).

É esse repertório e mais outras músicas conhecidas que Delia vai mostrar num formato de trio, com direção musical dela que também vai capitanear o piano e cantar, ao lado de Matias Correa (baixo, voz e loops), João di Sabbato (bateria e percussão e backing vocais) e também com as participações especiais de Leila Maria (voz), Nando Chagas (guitarra) e o grupo vocal Bruta Flor.

Com duas indicações ao Grammy Latino de Melhor Álbum de MPB, Delia iniciou sua trajetória em 1988 como parte do premiado Duo Fenix, ao lado de Claudio Dauelsberg. Eles participaram de festivais prestigiados como o Montreux Jazz Festival. Em sua carreira solo, o álbum “Presente” (2010) foi uma marca em sua carreira ao revelar sua habilidade como cantora e compositora. O projeto contou com colaborações estelares de Egberto

Gismonti, Hermeto Pascoal e da cantora Ana Carolina. Além disso, trouxe parcerias com letristas como Thiago Picchi, Sergio Natureza e Camila Costa.

Além de cantar e compor, Delia também ocupa o cargo de diretora musical em diversos espetáculos musicais, entre eles: “Milton Nascimento: Nada Será Como Antes”, “Elis A Musical”, “Chacrinha, O Musical” e “Garota de Ipanema, O Musical da Bossa Nova”.

SERVIÇO

DÉLIA FISCHER - BEYOND BOSSA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)

17/10, às 21h

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação ao Retiro dos Artistas)

Lucas Lima/Divulgação

Necessidade de falar de amor

Single 'Vem Amar Comigo' antecipa o álbum de inéditas que Pedro Luís lança em novembro

Pedro Luís está preparando o álbum "E Se Tudo Terminasse em Amor", com expectativa de chegar às plataformas de música em 15 de novembro. Enquanto a nova bolacha não chega, ele lança nesta quinta-feira (17) o single "Vem Amar Comigo", que anuncia o novo trabalho autoral do cantor e compositor, seu primeiro pela gravadora Bis-coito Fino.

Composta por Pedro Luís e Lucky Luciano, parceiros de longa data, "Vem Amar Comigo" abre o álbum cujo título foi extraído de seu refrão.

Quinto trabalho na discografia autoral de Pedro Luís (que inclui ainda o tributo a Luiz Melodia), o projeto começou a ser concebido no início da pandemia, a partir de um mote definido: falar de amor.

"Me veio, naquela época, essa ideia de que a gente precisava acender os botões da sensibilidade, porque já estávamos vivendo num mundo muito hostil, ainda na pré-pandemia. Então, essa ideia de falar do amor me interessou, saber o que eu poderia construir a partir dela", pontua o artista.

"Encomendei uma letra ao Lucky Luciano, com quem já



Pedro Luís revela que o processo criativo de 'E Se Tudo Terminasse em Amor' difere de todos os trabalhos anteriores de sua discografia

fiz várias canções, que falasse de amor de um jeito bem popular, que batizamos de 'Abraços dos amantes', incluída no disco. Em seguida, ele mandou outra letra, dentro da mesma proposta, que foi justamente 'Vem amar comigo', conta.

Com sonoridade assumida-

mente pop, o novo álbum inaugura um novo processo criativo e de produção na carreira plural e multifacetada de Pedro Luís. "Tudo foi programado. Eu queria fazer um álbum de inéditas e escolhi o mote. Nunca havia construído canções para um determinado álbum. Pela primeira vez,

particpei de todos os estágios: não apenas das composições, mas também de toda a construção sonora do disco", revela.

O novo trabalho foi produzido a quatro mãos por Pedro e André Moraes (músico, produtor musical, autor de trilhas sonoras para cinema, teatro e televisão).

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Rumo ao pop

A cantora, atriz e produtora amazonense Cella Bártholo (ex-The Voice Kids) vive um período de transição em sua carreira, que pode ser comprovada como single "Superficial", que a situa dentro da cena pop contemporânea. Junto com a faixa, disponível em todas as plataformas digitais, foi um videoclipe no Youtube. "Superficial" homenageia influências clássicas dos anos 80, como Rita Lee e revela a habilidade da jovem artista em combinar nostalgia com uma sonoridade atual.

Karla Brights/Divulgação



Sem miséria

Após mostrar toda a sua personalidade em "Big Mama" e celebrar um lado bom da vida em "Mahí Mahí", Áurea Semiseria lança nesta sexta (18) seu EP que carrega toda a sua origem e brasilidade, junto a uma mistura de diversos ritmos como Boombap, House e o nosso tradicional 'Pagodão'. "Semiseria, além de ser meu nome artístico, é uma expressão baiana para a ausência de miséria e presença de fartura. O nome do EP não poderia ser outro. Existem alguns álbuns de rock que levam o nome da banda, então, quando você lembrar de mim, vai lembrar do meu EP", explica.

Cah Kokay/Divulgação



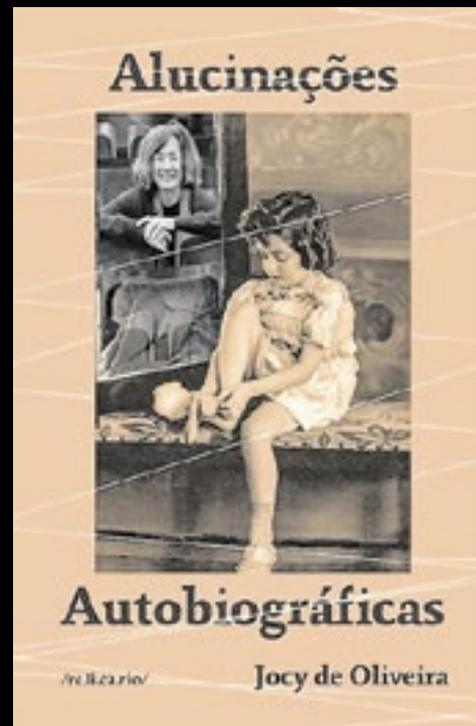
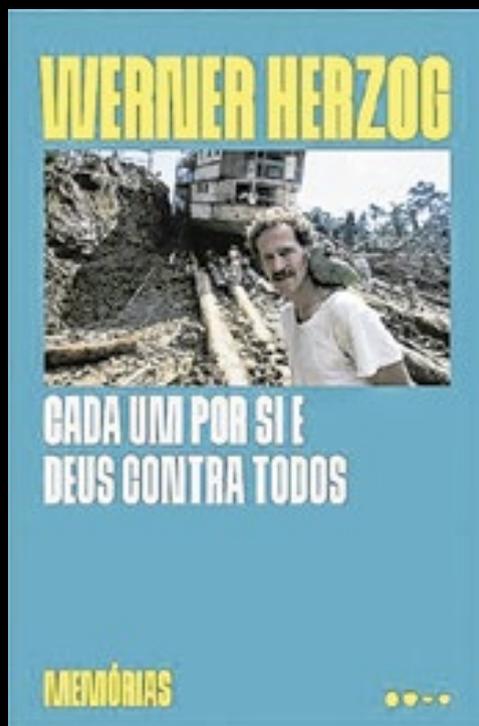
Balanço positivo

Apadrinhada por Lulu Santos, durante sua passagem pelo The Voice 2017, Day Limms vem se consolidando como uma das principais vozes autorais na nova música brasileira. Ela lança nesta quinta (17) nas plataformas digitais o single "Profeta" que a artista classifica como "uma celebração de autoconhecimento e reconciliação com o passado". "Essa canção é sobre lembrar minhas raízes e agradecer pelo caminho percorrido. Nesses sete anos, nem sempre parei para valorizar minhas conquistas, mas agora vejo o quanto cada etapa foi essencial para me tornar quem sou hoje", diz.

Gabé/Divulgação



CRÍTICA / LIVROS



Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Nos anos 1970, o cinema alemão teve sua redescoberta mundo afora, com Werner Herzog despontando como um de seus maiores nomes. O apuro na direção e produção de filmes e óperas teve uma base firmada nas movimentadas infância e juventude do menino nascido em plena Segunda Guerra Mundial, mas criado no interior da Baviera, onde começam as recordações da autobiografia “Cada um por si e Deus contra todos” (Todavia, R\$ 78,90) – que deveria ser o título de “Kaspar Hausen”, o filme que o catapultou para o sucesso.

Contador de histórias primoroso, Herzog acumulou experiências de um Jack London moderno: trabalhou, adolescente, em barco pesqueiro na Grécia, fez mochilão na África, estudou nos Estados Unidos, mas precisou fugir para o México quando o visto expirou, virou palhaço e ainda foi contrabandista. Tudo antes de

completar 25 anos e iniciar a carreira cinematográfica.

Criança, ao lado do irmão mais velho, aprendeu a ordenhar vacas e a aproveitar as temporadas mais quentes para uma invejável existência de moleque, percorrendo campos, escalando montanhas, sempre descalço; sapatos eram luxo a serem calçados apenas nas estações frias. Havia camponeses, conta, que trabalhavam como “servos na Idade Média”, no país arrasado pela guerra.

A carreira profissional – dirigiu 48 filmes e 27 óperas – é apresentada como uma consequência da observação do que encontrou planeta afora. As caóticas produções tomam proporções trágicas

a começar pelo protagonista de cinco de seus longas-metragens, o estrelíssimo Klaus Kinski, que tornava qualquer set insuportável com seus acessos de fúria. Justificando a insensatez de Kinski pelo amor à arte, Herzog desfia recordações sobre diversos personagens que passaram por sua vida, incluindo sua peculiar família, além de publicar trechos de seus diários de incursões caminhando por toda a Alemanha, comprovando seu imenso talento como contador de histórias, com requintadas descrições de cenários.

Para falar sobre sua trajetória pessoal e artística, Jocy de Oliveira, no belíssimo “Alucinações autobiográficas” (Todavia, R\$ 63),

parte de um diálogo com Mathilda e outras personagens de suas óperas, revisitando a casa da família, em Curitiba, onde nasceu. Ao mesclar parentes, amigos e criações, surge uma narrativa singular sobre quase noventa anos de vida dedicados à música combinada com a arte visual em projetos inovadores que transformaram a cena mundial. O pioneirismo na produção multimídia foi fruto de muita luta contra o machismo do universo artístico, que ela povoou de mulheres fortes, determinadas e trágicas. Poética na conversa com as personagens, Jocy de Oliveira enfatiza o quanto uma biografia é criação literária.

A húngara Ágota Kristóf

(1935-2011) abdicou do próprio idioma ao fugir de seu país, dominado pelos soviéticos, com o marido e uma filha de colo para a Suíça, aos 21 anos. A bagagem, além das roupas da criança, se constituía de dicionários. Na Suíça, são bem-recebidos e vão trabalhar numa fábrica, onde não entendem o que os colegas dizem. Em “A analfabeta” (Editora Nós, R\$ 48), ela conta como reconstrói suas referências culturais consumindo literatura francesa.

Nos anos 1950, devido à entrada soviética na então Tchecoslováquia, Ota Kobelus, o avô de meus filhos, buscou abrigo no Brasil, criando aqui uma família brasileira. Como Ágota, também precisou esquecer a língua materna, passando a “sonhar em português”.

Mais de seis décadas passadas, guerras, fome, invasões e miséria continuam levando ao exílio cerca de 120 milhões de pessoas no mundo inteiro. No Brasil, 58,6 mil imigrantes pediram asilo em 2023, um aumento de 8.273 solicitações em relação ao ano anterior. Hoje, o país tem 143.033 refugiados.

REFÚGIOS DE VIDAS